

EVA SILVA VIEIRA

**ENTRE O OIKOS E A PÓLIS:
representações do papel feminino na
sociedade ateniense a partir das obras
de Aristófanes (século V a.C.)**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Vieira, Eva Silva.

Entre o Oikos e a Polis : representações do papel feminino na sociedade ateniense a partir das obras de Aristófanes século V a.C / Eva Silva Vieira. - 2025.

20 p.

Orientador(a): Rogerio de Carvalho Veras.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz/ Ma, 2025.

1. Mulheres. 2. Aristófanes. 3. Representações. 4. Gênero.
5. Atenas. I. Veras, Rogerio de Carvalho. II. Título.

EVA SILVA VIEIRA

**ENTRE O OIKOS E A PÓLIS:
representações do papel feminino na
sociedade ateniense a partir das obras
de Aristófanes (século V a.C.)**

Trabalho de conclusão de curso, em forma de Monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA, como requisito para obtenção do título de licenciado (a) sob orientação do/a prof/a. Dr/a. xxxxxxxxxxxxxx

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

(Orientador/a)

(1º Examinador/a)

(2º Examinador/a)

ENTRE O OIKOS E A PÓLIS:

representações do papel feminino na sociedade ateniense a partir
das obras de Aristófanes (século V a.C.)

EVA SILVA VIEIRA

Resumo: A presente pesquisa tem como tema a compreensão da dicotomia acerca da representação feminina nas obras do dramaturgo Aristófanes (séc. V a.C): *Lisístrata*, *Assembleia das Mulheres* e *As Mulheres que Celebram as Tesmophorias*. Nelas, iremos analisar as representações e restrições impostas às mulheres na sociedade ateniense, como também identificar estratégias e o controle utilizado pelas mulheres atenienses na busca de seus objetivos para além do ambiente doméstico (*oikos*). Aristófanes coloca estas personagens femininas como cidadãs e protagonistas de suas histórias mesmo que de forma cômica, além disso o autor trabalha a mulher bem-nascida, trazendo um discurso diferente da mulher ideal e de toda sua passividade, colocando-as como estrategistas, disseminadoras de informações e governantas da pólis grega ateniense.

Palavras-Chave: Mulheres; Aristófanes; Representações; Gênero; Atenas.

Abstract: The theme of this research is to understand the dichotomy surrounding female representation in the works of playwright Aristophanes (5th century BC): *Lysistrata*, *Assembly of Women* and *Women Celebrating the Thesmophorias*. In these works, we will analyze the representations and restrictions imposed on women in Athenian society, as well as identify strategies and control used by Athenian women in the pursuit of their goals beyond the domestic environment (*oikos*). Aristophanes places these female characters as citizens and protagonists of their stories, even if in a comical way. In addition, the author works with the well-born woman, bringing a discourse different from the ideal woman and all her passivity, placing them as strategists, disseminators of information and governesses of the Athenian Greek polis.

Keywords: Women; Aristophanes; Representations; Gender; Athens.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 A MULHER ATENIENSE: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA	9
3 ENTRE RISOS E SUBVERSÕES: BIOGRAFIA E OBRAS DE ARISTÓFANES	12
4 ANÁLISES DAS OBRAS: REPRESENTAÇÕES DAS MULHEES EM ARISTÓFANES	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS	19

ENTRE O OIKOS E A PÓLIS:
representações do papel feminino na
sociedade ateniense a partir das obras de
Aristófanes (século V a.C.)

BETWEEN THE OIKOS AND THE POLIS:
representations of the female role in Athenian
society based on the works of Aristophanes (5th
century BC)

EVA SILVA VIEIRA (UFMA)

evasilvavieira0107@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar a dicotomia entre os espaços do oikos e da pólis, com ênfase nas representações femininas, a partir obras de Aristófanes. Às mulheres era reservado o espaço doméstico (oikos), onde elas por sua vez exerciam seu papel como esposas e mães, e o espaço público (polis) era onde os homens atenienses participavam da vida política e social; sendo elas: Lisístrata, Assembleia das Mulheres e As Mulheres que Celebram as Tesmophorias. Essas obras a serem analisadas trarão familiaridade acerca do tema, na busca de informações sobre as esposas dos cidadãos atenienses, já que muitos estudos referentes à mulher ateniense trazem a figura feminina como um ser passivo, baseado no ideal da mulher-abelha que, de acordo com a visão dos autores Aristóteles e Xenofonte, associa-se às tarefas domésticas e ao governo do lar, assegurando o bem-estar do marido.

Assim, a ideia da mulher-abelha é retomada na Atenas clássica (séc. V-IV a.C.), tornando-se o paradigma para as atenienses. Logo, de acordo com a ideologia dominante em Atenas, a mulher deveria ser reclusa, recatada, discreta e viver apenas para o seu oikos, a mulher-abelha, diligente na administração da casa. As mulheres também já foram descritas por meio de comparações com outros animais como a porca, raposa, macaca.

Semônides de Amorgos, em seu poema, Lambos, faz comparações da figura feminina com alguns animais como, por exemplo, a cachorra, a macaca, a mula, a porca, a égua, raposa e a abelha. Destes animais, o autor coloca a abelha como o melhor exemplo, visto que tais 5 comparações são feitas para depreciar a imagem feminina, colocando-as como sujas, ladras e dissimuladas, já a abelha descrita no

poema traz o exemplo de como as mulheres deveriam ser, ou seja, descreve a esposa legítima (Mata, 2009).

Em suas peças, Aristófanes evidencia a inversão de papéis entre homens e mulheres, fazendo com que as personagens apareçam como protagonistas e emancipadas em suas próprias histórias, na busca de seus objetivos referentes a pólis grega. Ao analisar a dicotomia entre o Oikos e a Polis na sociedade ateniense, podemos perceber como essa divisão de espaços e papéis atribuídos às mulheres e aos homens reflete a dinâmica de poder e subordinação. As mulheres são relegadas ao espaço doméstico, enquanto os homens dominam o espaço político. Essa divisão se mantém pela reprodução das normas sociais de gênero, que são sustentadas por interesses na manutenção das hierarquias existentes em decorrência da dominação do masculino e da estrutura histórica patriarcal, tão marcante na ordem sistêmica do universo social e cultural do mundo grego.

Sabemos através de diversas fontes, que a mulher bem-nascida deveria ficar reclusa, segundo os autores Lessa e Moreira Neto (2014). O gineceu referia-se a uma parte específica da casa, um espaço feminino por excelência. Era uma área segregada do restante da residência, destinada exclusivamente às atividades femininas. O gineceu era geralmente localizado na parte interna da casa, afastado do espaço público e das áreas frequentadas pelos homens. Através deste local, elas conquistaram espaços de atuação e criaram locais de validação social (Lessa, 1999).

Nas obras de Aristófanes, as mulheres já se diferem desse modelo ideal, pois, por exemplo, acabam enganando os homens e roubam o direito de governar através de uma votação, de certa forma, forjada pelas mulheres disfarçadas de homem. Em meio a suas representações, o dramaturgo aborda que as mulheres têm comportamentos tão egoístas, assim como o dos próprios homens, quando se referem a direitos e restrições; o sexo também tornava-se elemento ao qual a figura feminina utilizava para a obtenção de seus objetivos.

O interesse nesta pesquisa surge durante as aulas da disciplina de História da Europa I, entretanto este interesse acaba tornando-se algo pessoal no que se refere a questionamentos acerca do passado das mulheres atenienses, visto que tudo o que se sabe a respeito da figura feminina baseia-se em escritos, sejam eles poemas, peças ou até mesmo a iconografia, todos esses elementos vindos de um pensamento misógino por parte dos homens em relação a essas mulheres.

Em muitas obras do período, a mulher é vista como um ser angelical, passiva e frágil, porém Aristófanes, a partir de suas obras dramáticas, aborda outra visão das

mulheres, visão esta que é delatada pelo personagem Eurípides, um personagem que vê malícia nas mulheres, 6 alegando que estas têm mau-caratismo, são ardilosas e sempre estão dispostas a tramar pelas costas dos homens. Estes, por sua vez, são personagens de excelência, para Eurípides e outras figuras masculinas abordadas nas histórias escritas por Aristófanes.

Esta pesquisa define-se como uma abordagem qualitativa de objeto exploratório de cunho bibliográfico. A pesquisa será trabalhada a partir de abordagens qualitativas, esta abordagem é descritiva e interpretativa. A partir do conteúdo explorado por meio de obras literárias, podemos proporcionar mais familiaridade acerca da sociedade ateniense e em especial sobre estas mulheres.

A leitura na pesquisa bibliográfica buscará fazer uma identificação de dados dentro do material para estabelecer relação com a problemática proposta dentro da pesquisa. Após a leitura dos materiais básicos, será feito uma série de fichamentos no sentido de fazer o registro das referências e do conteúdo dentro das obras, além de suas referências bibliográficas (Gil, 2002, p.82).

O papel do historiador é saber quem fala, onde fala e qual tipo de linguagem está sendo utilizada, e como determinado documento foi construído, já que a literatura tem o papel da linguagem, linguagem esta que constrói mundos reais, ou seja, produz significados, vale ressaltar que as obras literárias se referem a indivíduos imaginários e não históricos. (Borges, 2010) É de extrema importância problematizar a obra, questionar o autor, a linguagem a ser utilizada no momento histórico e não tomar como verdade as obras literárias.

A pesquisa contará com três seções que tratam com mais familiaridade acerca do tema sendo elas: A Mulher Ateniense: história e historiografia; Entre risos e reflexões: biografia e obras de Aristófanes; Análise das Obras: representações das mulheres em Aristófanes.

Na primeira seção, abordaremos a figura feminina de forma histórica ao qual estas deveriam ficar em reclusão. Entretanto isso refere-se apenas ao modelo ideal, visto que as mulheres menos abastadas poderiam trabalhar para ajudar no sustento de suas famílias, além disso as mulheres eram categorizadas, exemplo disto ocorre quando comparamos o modelo, o ideal, às demais mulheres.

Na segunda seção traremos a vida e obra do dramaturgo, o qual viveu por 83 anos em Atenas, presenciou guerras, escreveu mais de quarenta peças. Por meio de seus escritos, atingia a todos de forma cômica, trazia reflexões acerca da cidade-estado

de Atenas. Graças aos ocorridos, o autor satiriza essas situações e traz a figura feminina, em especial o modelo ideal, para referenciar todas essas problemáticas envolvendo a pólis.

Na terceira seção, fazendo uma análise das obras aristofânicas, vemos o quanto elas são importantes para a representação da mulher ateniense, entretanto devemos lembrar que boa parte desses personagens são fictícios e abordam a situação feminina daquela época. O autor traz a mulher como “um mal” para os homens, mas além disso, nas três peças, o autor traz a figura feminina não apenas como um elemento risível, mas também como cidadãs e que, assim como os homens, conseguem perceber os malfeitos da guerra e a má organização no comando da pólis.

Traremos, nesta parte, uma análise sobre as representações da figura feminina em Aristófanes. O autor, assim como vários outros daquela época, consegue ver a malícia na figura feminina, colocando-as como pragas em seus enredos, que elas tramam pelas costas dos homens, como no trecho a seguir: “Valentina [...] as mulheres são muito mais hábeis; nos cargos que ocuparão, ninguém as enganará, pois elas que vivem enganando os homens conhecem todos os truques e saberão defender-se” (Aristófanes, 2003, p.601). Assim, trazendo a inversão de papéis, conseguimos imaginar situações totalmente diferentes já que, nas obras de Aristófanes, as mulheres estão ligadas a pólis, por meio de tomadas de poder, revoluções e até mesmo festividades, as quais fazem com que elas deixem o seu local de exclusão e tomem a cidade.

2. A MULHER ATENIENSE: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

A partir das fontes bibliográficas as quais estudamos, objetivamos saber mais acerca do papel da mulher ateniense do século V a.C., visando identificar qual o modelo ideal a ser seguido, em específico o da esposa legítima, Méliissa, ao qual, de acordo com o modelo idealizado pela figura masculina, deveriam ser passivas, frágeis, boas mães e esposas, assim cuidando de seu oikos, não se metendo em assuntos referentes a polis grega ateniense, pois este assunto cabia apenas aos cidadãos atenienses, homens livres nascidos de pais atenienses.

Para a historiadora Thirzá Berquó (2014), os estudos bibliográficos acerca da condição social da mulher ateniense, durante o século V a.C, são recorrentes em ressaltar o modelo da reclusão doméstica: as mulheres devem ficar em casa, restritas ao gineceu, como boas esposas, cuidando do lar e gerando filhos. Entretanto a atuação feminina, quando considerada boa, era equiparada às atitudes

masculinas. Durante o período clássico, as mulheres eram divididas em categorias hierarquizadas que iam das bem-nascidas até prostitutas e escravas, como por exemplo, as Esposas Legítimas ou *Melissai*, as Concubinas ou *Pallakinas*, as *Pornaí*, as *Hetairas* e as *Escravas Femininas* (Mata, 2009).

Assim, ressaltamos a identificação dos grupos sociais as quais essas mulheres se fazem pertencentes, nas seguintes categorias:

Mélissai: São mulheres bem-nascidas participam de rituais e podem aprender por meio da oralidade através de conversas com seu pai ou seu conjugue, são representadas pelo ideal de comportamentos da “mulher-abelha”, como foi retratado por Semônides de Amorgos. Este é o motivo pelo qual são chamadas de “Mélissai”. Essas mulheres não recebiam educação formal, deveriam aprender atividades voltadas ao seu lar, o seu papel principal era o de esposa, mãe de cidadãos atenienses e na administração do lar, isso fazia com que elas estivessem em um estatuto categórico mais elevado. Já as mulheres mais pobres, por precisão, trabalhavam fora da casa, na busca de renda para o sustento da família e estas trabalhavam em atividades domésticas como tecedeiras, lavadeiras, vendedoras de comida, tecidos, enfermeiras e parteiras.

Concubinas/Pallakai: vivia com um homem sem nenhum tipo de vínculo como o matrimônio, isso ocorre quando a família da mulher não consegue pagar o dote, o que faz com que o casamento não se concretize, porém, a mulher terá um guardião masculino. Já as **Metecas** são mulheres estrangeiras que viviam em Atenas. Assim como as mulheres atenienses, essas não tinham nenhum direito político e deviam ser representadas pela figura masculina, pagavam taxas para residir em Atenas e trabalhavam fora para seu próprio sustento. Tem-se ainda as **Cortesãs/Hetairai** que eram mulheres treinadas no canto, dança ou música e deveriam fazer companhia para os cidadãos em simpósios e banquetes, que poderiam incluir trabalhos sexuais ou não, elas circulavam livremente pela cidade e poderiam ter maior contato social. Por sua vez, as **Prostitutas/Pornaí** eram mulheres livres ou escravas que trabalhavam nas ruas ou em bordéis. Em Atenas esta atividade era regulamentada e era reconhecida como profissão. Normalmente era feita por estrangeiras. As **Escravas** poderiam ser prisioneiras de guerra, moças que foram vendidas por suas famílias, geralmente o destino das escravas era o de serviços domésticos, mas não se exclui a possibilidade de trabalharem nos bordéis e oficinas. As escravas poderiam com o tempo comprar sua alforria. Assim, “Identificamos, nestes grupos de mulheres, as que têm a função de gerenciar o oikos, as que

trabalham neste, objetivando ajudar no sustento do seu lar, mas que pertencem à outra família, e, finalmente, as escravas.” (Lessa, F. S. ; Souza, M. A. R., 2009, p.202)

Outro ponto a ser mencionado acerca das mulheres e a forma como estas estão inseridas na sociedade, diz respeito ao fato de que, enquanto umas sabem mais outras sabem menos. Ou seja, uma está inserida em um seguimento menos abastardo, já a outra é uma bem-nascida; pode-se dizer que as filhas dos aristocratas, através da oralidade, aprendiam a se portar de acordo com a imagem masculina, no que se refere a assuntos voltados a pólis grega ateniense, como por exemplo a boa oratória, estratégias para a resolução de problemas etc.

Com isso podemos ver que de certa forma as mulheres atenienses conseguiam estar nas duas esferas – pública e privada, mas vale ressaltar que boa parte do que sabemos acerca da figura feminina em Atenas foi escrita por homens e não por elas próprias. Geralmente são escritos e artes daquela respectiva época ao qual, em muitos momentos, depreciam a imagem feminina ou sexualizavam-nas por meio das iconografias.

A mulher ateniense tinha seu papel no grupo social não apenas enquanto esposas ou bem nascidas, também faziam suas atuações nos festivais como o das Thesmophorias, onde somente as esposas dos cidadãos, que detinham de uma certa influência, poderiam participar. Estas festividades faziam com que as mulheres atenienses conseguissem dialogar com outras mulheres acerca de seu cotidiano e na busca de informações.

A participação religiosa feminina variava conforme o estágio de sua vida e a classe social a que pertenciam. As mulheres mais pobres não exerciam papéis de destaque na vida religiosa da cidade, mas participavam das festas cívicas. Ainda meninas, as filhas de famílias das classes altas eram escolhidas como arréforas e ajudavam as mulheres mais velhas a tecer o manto (peplo) ofertado à Atena nas Panatêneias. Mais tarde, participavam dos ritos de passagem à adolescência no santuário de Ártemis em Brauron. Em seguida, como canéforas, transportavam o cesto utilizado nos sacrifícios e apareciam perante a sociedade como disponíveis ao casamento. (Berquó, 2014, p.1996)

Na maioria das vezes, quando o silêncio é rompido, percebemos que estes sinais são na verdade resultados de registros que foram construídos de observações sobre elas, quase sempre subjugadas ao olhar masculino. Elas não representam a si mesmas, elas são representadas (Mata, 2009, p.18). E também a historiografia, muitas vezes, aceitou acriticamente essa representação masculina.

3. ENTRE RISOS E SUBVERSÕES: BIOGRAFIA E OBRAS DE ARISTÓFANES

Nascido em Atenas, Aristófanes (447 a.C.) viveu por cerca de 83 anos, no século de Péricles e durante o período da Guerra do Peloponeso, no qual o

dramaturgo presenciou do início ao fim. Guerra essa que arruinou toda a Grécia e de certa forma trouxe elementos aos quais Aristófanes conseguiu satirizar em suas comédias e dramas. Com as guerras Greco Pérsicas, a cidade-estado de Atenas teve grande influência nas vitórias e tomadas de território, fazendo assim com que cidades como Esparta, Corinto, Tebas e Egina tivessem uma certa rivalidade com Atenas, entretanto a maior rivalidade se deu entre Atenas e Esparta.

Vale ressaltar que o dramaturgo foi o mais importante comediógrafo da Grécia Antiga (séc. V a.C.), não se sabe muito acerca da vida de Aristófanes, mas acredita-se que o autor veio de família aristocrata e por consequência teve uma boa educação. Além do teatro, o autor também atuou na política ateniense, faleceu na mesma cidade em que nasceu. Aristófanes escreveu cerca de mais de quarenta peças, porém apenas onze chegaram aos dias atuais, sendo preservadas. São elas: Os Acarnenses, Os Cavaleiros, As Vespas, A Paz, Lisístrata, As Nuvens, As Mulheres que Celebram as Tesmophorias, As Rãs, As Aves, Mulheres na Assembléia e Pluto. Dentre elas, três tem grande destaque sendo elas: Lisístrata (411 a.C.), Assembleia de Mulheres (392 a.C.), e As Tesmoforiantes ou As mulheres que celebram as Tesmofórias (411 a.C.).

Essas obras abordam as relações de poder existentes na pólis grega no período clássico, em especial aos cidadãos e às esposas dos cidadãos atenienses. O caráter feminino acaba tornando-se pauta nas obras do comediógrafo, caráter este que, de acordo com as obras de comédia e drama, tratam a figura feminina como um ser que se utiliza do mau-caratismo para atingir seus objetivos, seja por meio da restrição ao sexo, planos ardilosos para o controle da pólis ateniense e muito mais. A seguir, trazemos uma síntese das três obras que analisamos nesse artigo.

A obra Lisístrata gira em torno da personagem que leva o nome da peça, e esta obra ganhara sentido graças ao cansaço de Lisístrata e de outras mulheres, não somente atenienses, em relação à guerra e aos maus feitos que ela traz, visto que a guerra levava seus filhos e esposos deixando assim as mulheres sozinhas na pólis. Lisístrata, a personagem principal, em conjunto com mulheres atenienses e espartanas, tem o plano da greve do sexo objetivando a volta de seus maridos para casa, acabando enfim com a guerra e restaurando a paz.

As Tesmoforiantes trarão a celebração em honra de Deméter (deusa da agricultura e da fertilidade), além disso apenas mulheres que são casadas com cidadãos que tem uma certa influência na sociedade poderiam participar desta

festividade que ocorre durante três dias. Nesta comédia, as mulheres utilizaram desta celebração para discutirem o rumo de suas vidas e a opressão que elas enfrentam, já que a figura feminina na Atenas clássica não era considerada como cidadã e sim como esposa do cidadão ateniense.

A trama ganha uma nova dimensão que é abordada desde o início quando o personagem Eurípedes que é um dramaturgo do século V a.C., faz escritos acerca do caráter feminino tentando ridicularizá-las, colocando-as como maus-caracteres, ardilosas e tudo o que há de ruim. Eurípedes tem um plano que consiste em infiltrar um homem na celebração das Tesmoforias, na qual apenas as mulheres podem participar, entretanto somente mulheres bem nascidas, a figura masculina é proibida neste recinto. A princípio Eurípides tem a ideia de colocar Agaton para ser o infiltrado, já que este personagem tem similaridade com a figura feminina, entretanto Agaton não aceita participar deste feito, mas ajuda dando suas roupas para disfarçarem outro homem de mulher, no fim quem acaba se infiltrando na celebração será o sogro de Eurípides e a trama vai ganhando sentido conforme seguem os ocorridos. Eurípedes acaba sendo descoberto e indo até as mulheres para resgatar seu sogro e faz um acordo com as mulheres.

E por fim, a terceira obra será A Revolução das Mulheres. Nesta, assim como nas outras obras citadas do dramaturgo, veremos a figura feminina lutando por sua emancipação e na busca de seus direitos na pólis ateniense. Esta trama será apresentada por várias personagens femininas, entretanto a personagem chamada Valentina será a representante feminina que irá falar na assembleia disfarçada de homem. Ela tem as mesmas características de Lisístrata, como por exemplo boa oratória, liderança e outros elementos que se assemelham à figura masculina aristocrata daquela época.

Entretanto, nesta obra, as mulheres irão roubar as roupas dos homens, visto que somente eles podem fazer parte da pólis, pois naquela época as mulheres não eram consideradas como cidadãs. Após o feito – no caso, o plano de roubar as vestes masculinas e deixarem suas aparências mais masculinizadas, imitar a voz e a forma de fala masculina –, estas mulheres conseguiram se infiltrar, votar a favor da figura feminina como liderança, visto que a elas era designado o dever de cuidar de seu Oikos, porque elas não poderiam governar a Polis. No fim, as mulheres conseguem concretizar seu plano e a elas é dado o direito de governar a pólis. Mas ao fim da trama, vemos que a personagem Valentina tinha planos individuais além dos coletivos, em relação aos prazeres carnavais, já que as mulheres mais velhas não poderiam gerar filhos que seriam os futuros cidadãos atenienses. No fim as mulheres

saem vitoriosas na busca de seus objetivos, no que se refere a igualdade para todos, em relação a pólis, e aos desejos carnavais.

Valentina - As feias e mal acabadas ficarão ao lado das mais bonitas e quem quiser as bonitonas terá que satisfazer primeiro as feiosas. (Aristófanes, 2003, p. 608) Valentina - (passando a mão vaidosamente no cabelo e ajeitando a roupa) Então esse cidadão não vai nem com a moça nem com as senhoras. A moça tem vinte anos, as senhoras devem ter uma média de sessenta, vinte mais sessenta igual a oitenta, oitenta divididos por dois igual a quarenta (a mamãe aqui tem mais ou menos quarenta...) (segurando o Rapaz gentilmente pelo braço) Venha comigo! Resolvi o seu caso, agora você vai resolver o meu! (à parte). Afinal de contas eu não ia fazer essa revolução para aprontar a cama para outras deitarem! (Aristófanes, 2003, p. 619)

Assim, podemos perceber que, por meio de suas obras e de forma cômica, o autor traz suas reflexões referentes a pólis Grega:

Suas sátiras atingiam a todos, aos políticos, aos fatores que desencadearam a Guerra do Peloponeso, aos cidadãos, às instituições da cidade, aos trapediógrafos, aos sofistas e às próprias mulheres. Dirigiu seu olhar para algumas personalidades, dentre elas, os renovadores do pensamento, como Sócrates, e em especial para um dos grandes expoentes do gênero trágico, Eurípides (Mata, 2009, p.94).

Além disso Aristófanes era um grande defensor do passado (Mata, 2009). Foi defensor do passado de Atenas, da paz, do amor à pátria, da ética, das virtudes cívicas e da solidariedade social. Criticou toda a impostura e corrupção na sociedade em que viveu e, por meio de suas comédias, as referenciou muito bem. Para Aristófanes, a educação baseada na sofística transformava a identidade do cidadão, ou seja, não estavam pensando na coletividade, estavam pensando somente em sua individualidade. Para Aristófanes, este foi um dos grandes motivos para as perdas as quais Atenas estava enfrentando em relação a hegemonia que tinha conquistado durante as guerras Greco-Pérsicas, fazendo com que Atenas caminhasse para uma crise política, militar, econômica e cultural.

4. ANÁLISES DAS OBRAS: REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES EM ARISTÓFANES

As obras do dramaturgo Aristófanes servem como referencial na busca de fontes acerca das relações de gênero na Grécia Antiga (Mata, 2009). As três comédias de Aristófanes abordadas neste trabalho são reveladoras da situação feminina nos quadros da políade. Em sua comicidade, as personagens femininas aristofânicas representavam a inversão do papel social atribuído às mulheres, especialmente à Méliissa. O autor por meio de suas obras crítica a figura da Melissai, no caso o modelo ideal a ser seguido, entretanto marginaliza outras figuras femininas como as prostitutas, concubinas, as escravas não as colocando como protagonista de suas histórias com isso Aristófanes aborda de

forma cômica a hegemonia dos homens para com as mulheres, que faz com que a figura feminina esteja de fora da participação na pólis ateniense. Fazendo uma análise das obras, vemos vários pontos em comum principalmente o que trata da figura feminina como “um Mal” para os homens. O fragmento desta obra *Tesmoforias* traz uma exemplificação:

EURÍPIDES: O homem culto, Agaton, sabe dizer muitas coisas em poucas palavras. Ameaçado por uma desgraça descomunal, venho procurá-lo como suplicante.

AGATON: Que deseja você de mim?

EURÍPIDES: As mulheres da cidade estão dispostas a me matar ainda hoje, durante as *Tesmoforias*, porque falo mal delas (Aristófanes, 2003, p. 489).

A ideia de Eurípides ocorre após boatos acerca de um plano ao qual as mulheres querem acabar com sua vida: “as mulheres de Atenas, reunidas no templo de Deméter durante o festival das *Tesmophorias*, quando a presença de homens é proibida, planejam se vingar de Eurípides devido à maneira pela qual são retratadas em suas tragédias” (Mata, 2009, p. 139).

Nas três obras analisadas, o autor traz a figura de Pandora já que esta, de certa forma, está no próprio ideal das esposas bem-nascidas, as *Mélicas*¹. Ao analisarmos as representações postas por Aristófanes, percebemos que as mulheres trazem o reflexo da fala masculina. A exemplificação disto ocorre a partir de um fragmento da obra *A Revolução das Mulheres*, quando a personagem Valentina, infiltrada com vestes e trejeitos masculinos, faz seu discurso na assembleia onde apenas os homens poderiam fazer-se presentes.

VALENTINA: [...] Confiemos o Governo às mulheres sem maiores discussões. Nem perguntemos o que elas irão fazer, mas deixemo-las governar logo e bem! Pensemos um pouco: sendo mães, elas pouparão de cuidar da vida de seus filhos, de nossos soldados, evitando as guerras; para arranjar dinheiro, as mulheres são muito mais hábeis; nos cargos que ocuparão, ninguém as enganará, pois elas que vivem enganando os homens conhecem todos os truques e saberão defender-se. (Aristófanes, 2003, p. 601).

¹ As *Gynaikes* são identificadas como herdeiras de Pandora, ao qual possuem bases mitológicas, são o castigo dos homens. Elas são colocadas como seres mentirosos, sedutoras e de condutas dissimuladas nas peças aristofânicas e foram utilizadas para retratar a imagem da *Melissaí*, ao qual pertencia ao genos *gynaikon*. Estas personagens carregam qualidades da *Melissaí*, entretanto suas qualidades estão disfarçadas de um grande mal. Aristófanes as coloca como armadilha, assim como a imagem de Pandora (Mata, 2009).

A personagem, por meio de seu discurso, sai vitoriosa e assim podemos ver que, a partir das falas das personagens aristófânicas, existe uma certa familiaridade com a forma a qual os cidadãos aristocratas atenienses falam na pólis.

Valentina – Ao invés de conversar com meu marido sobre a carestia da vida e os defeitos das empregadas eu pedia a ele para me contar o que se passava na assembleia (Aristófanes, 2003, p. 601).

Já em *Lisístrata*, vemos uma peça que se passa em meio a guerra entre Atenienses e Espartanos. A personagem principal, em conjunto com outras mulheres (inclusive a personagem Lampito que é de certa forma um reflexo da *Lisístrata*, só que espartana), pretende dois feitos. Em primeiro, a tomada da acrópole e em segundo a greve do sexo, greve esta que faz com que a própria mulher tenha sacrifícios, pois elas estão pensando em um bem maior que será o fim da guerra, a volta de seus maridos e que Atenas e Esparta voltem a ter paz. (Mata, 2009)

Em todas as obras mencionadas conseguimos analisar a forma pela qual as mulheres são representadas por Aristófanes e saem vitoriosas na busca de seus objetivos, quebrando o ideal feminino que se baseia na mulher-abelha essa que deve apenas gerar filhos, ser boa mãe e gerenciar o seu lar. Por meio de sua comicidade, dramas e tragédias, o autor traz pontos interessantes que podem ou não ser considerados verdadeiros acerca da pólis ateniense.

Além disso, existe outro elemento de grande importância que são os mecanismos de produção dos objetos culturais, elemento este que enfoca os objetos culturais com suas intencionalidades, sua dimensão estética. Também entra em questão a intertextualidade ou o diálogo que um determinado texto pode estabelecer com outro.

É de extrema importância problematizar a obra, questionar o autor, a linguagem a ser utilizada no momento histórico e não tomar como verdade as obras literárias. A literatura serve como um ponto imaginário para o historiador, ela aborda histórias de personagens do passado, presente ou do futuro, criando um produto cultural que atua na fabricação de valores que são 14 criados no meio social, prioriza o uso de ficção, ou seja, a criação do imaginário e ela poderá ser utilizada como fonte histórica se responder aos questionamentos levantados pelo historiador.

Segundo Giselle Mata (2009), assim como outros escritores da época, Aristófanes ao descrever suas personagens, sempre traz um ar cômico a estas. Entretanto, assim como já foi mencionado, este por sua vez traz a inversão de papéis ao qual as mulheres fazem suas lideranças. A representação feminina

nas peças de Aristófanes em evidência, trata em alguns aspectos com a inversão de papéis, nas quais as esposas passam a realizar atividades de poderes antes designados aos maridos. Na tomada da Acrópole, por exemplo: em *Lisístrata*, votando e criando um governo feminino; em *Assembléia das Mulheres*, assumindo o controle da cidade, momentaneamente; no ritual das *Tesmophorias*, em uma festividade de participação exclusivamente feminina, destinada a deusas Deméter e Perséfone, uma festividade ligada à fecundidade.

As representações feitas pelo dramaturgo, nos fazem refletir acerca da mulher ateniense, pois elas estão lidando com situações as quais não deveriam lidar, já que assim como vários pensadores, e até mesmo os ideais da época, colocam a mulher como submissas a um homem. A figura paterna ou seu conjugue servem para representá-las, já que elas são apenas mulheres dos cidadãos. O autor em seus escritos tenta trazer uma representação mais real, fora dos padrões da imaginação masculina do modelo perfeito de uma mulher. As personagens femininas aristofânicas carregam uma série de simbologias, representações e imaginários, que o autor usa para questionar a identidade e os valores atenienses, segundo suas perspectivas. (Mata, 2009, p. 141).

Em uma de suas obras aborda a eficiência da mulher enquanto governanta da cidade estado de Atenas. Assim, cada uma das obras mencionadas ao longo dessa pesquisa traz reflexões acerca da figura feminina. Em *Lisístrata*, a personagem, em conjunto com várias mulheres, busca sanar seus interesses por meio do sexo, entretanto essas mulheres são mulheres bem-nascidas e cabia a elas o papel de gerarem os futuros cidadãos atenienses. A greve de sexo representava o controle feminino, não apenas quanto às questões reprodutivas, mas quanto à limitação dos desejos sexuais masculinos pelas esposas. Seus corpos evocavam a ideia de prazer sexual por intermédio de jogos de sedução realizados pelas *Melissaí*. Com isso, eram capazes de atrair a atenção dos maridos de maneira que, mesmo aberto a outras opções sexuais, eles se tornavam limitados às suas cônjuges. (Mata, 2009, p. 154).

Por isso o seu papel tem grande importância na pólis grega, mesmo que de forma indireta, outro ponto a ser mencionado é que se os homens iam a guerra, então, de certa forma, a figura feminina das famílias tradicionais estava no controle da administração da cidade.

As mulheres que celebram as *Tesmoforias* trazem um ritual como já mencionado que dura por cerca de três dias. Nesta obra vemos a perseverança da figura feminina, além disso não tem uma personagem que se faz principal, todas as personagens tem o mesmo objetivo de acabar com o personagem dramaturgo Eurípides. Personagem este que aborda tudo de ruim na figura

feminina, pensamento que é até do próprio Aristófanes: “as mulheres são um mal revestido de bem”. Segundo Giselle Mata (2009, p.148), quando Aristófanes se volta para elas, revela-nos o que acredita se esconder por trás da Mélissa. Suas qualidades disfarçam um grande mal. Sem que os homens percebam, elas os tornam dependentes e dominam a cidade.

A Mélissa era o modelo ideal, entretanto, pertencia ao genòs gynaikon (raça das mulheres que está fora do humano e do divino), a ela estão imbuídas todas as características de seu primeiro exemplar, Pandora. Notadamente, o Falocentrismo, em Atenas do século V. a C., possuía bases mitológicas, sobre as quais Aristófanes não estava alheio (Mata, 2009).

Durante as festividades, as mulheres bem-nascidas tomam conta da cidade, o que já as exclui do modelo ideal da reclusão doméstica, e traz o cômico em relação aos homens, já que alguns personagens acabam tendo a figura efeminada, inclusive o próprio Eurípides e Agaton, já que de fato estas pessoas existiram naquela época. Entretanto, eram escritores trágicos e Aristófanes os traz de forma cômica, com a inversão de papéis.

Por fim, traremos a Assembleia de Mulheres, obra essa que critica o que estava acontecendo em Atenas naquele período e coloca visível a insatisfação feminina, como se essas enxergassem todos os problemas. A personagem Valentina aparece como uma heroína cômica na obra do autor, entretanto a personagem tem boa fala, boa estratégia e, assim como os homens aristocratas, tem anseios individuais em relação a pólis. A obra traz as personagens elevadas ao status de cidadãs, além disso a peça do autor baseia-se em uma sociedade ideal embora risível, graças a administração das mulheres. As conversas entre esposos e esposas bem nascidas faziam com que essas personagens aprendessem acerca da política, e se comportassem referente a esses assuntos da mesma forma que a figura masculina. Vale ressaltar que todas estas obras trazem elementos fictícios acerca da cidade de Atenas no século V a.C., entretanto, de forma ousada, Aristófanes traz todas as suas críticas em relação ao governo, leis, guerras e em especial à figura feminina, ainda que ele traga mulheres personagens que pensam por si próprias na busca de igualdade.

5. CONCLUSÕES

Nosso objetivo nesta pesquisa foi, a partir das obras dramatúrgicas de Aristófanes, apresentar a figura feminina de modo diferente da qual geralmente conhecemos pela historiografia mais tradicional. As peças de Aristófanes trazem uma reflexão acerca da pólis ateniense no que se refere a figura feminina e aos

fatos ocorridos naquela época. A mulher em suas obras conta sua história, são emancipadas buscam por igualdade de gênero.

Aristófanes crítica tudo e a todos, e por meio de suas sátiras fazia com que suas personagens femininas trouxessem essas críticas, assumindo o papel da fala, papel este que era da figura masculina. Ainda que, de acordo com o dramaturgo, a figura feminina é representada como “um mau”, o autor acaba dando caracteres importantes a suas personagens, e é interessante observar a forma como essas personagens são descritas, a forma como agem, falam. A obra de Aristófanes é um material riquíssimo para buscar saberes acerca das mulheres atenienses, mesmo que essas obras abordem o cômico e o irreal.

A pesquisa acerca desta temática é de extrema importância, visto que aborda a História Antiga por meio de obras como tragédias e comédias que trazem uma imagem feminina de modo diferente, não como um ser indefeso e sim como pessoas que podem governar a pólis. Mulheres que têm extrema inteligência, buscando sua emancipação. Portanto, os resultados contribuirão para o conhecimento acadêmico sobre a história das mulheres na Grécia Antiga e poderão fornecer insights relevantes para o estudo das relações de gênero em outras sociedades.

Por fim, buscamos entender a produção social e cultural dicotômica, entre os espaços doméstico (Oikos) e o espaço político (Polis), pois estes locais tinham uma diferenciação ideológica de sexo, onde as mulheres apenas deveriam exercer papéis de donas de casa, mães, esposas. E pelas obras de Aristófanes, encontramos uma realidade muito mais porosa entre esses dois domínios.

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES, **Só para mulheres**. Tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 3ª edição, 2003.

BERQUÓ, Thirzá A.. Entre as heroínas e o silêncio: a condição feminina na Atenas Clássica. **Oficina do Historiador**, v. Suplemento, p. 1984-2005, 2014.

BORGES, V. R. . História e literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, v. ANO 1, p. 94-109, 2010.

DESVENDANDO O TEATRO. **A revolução das mulheres**.

Disponível em: <http://www.desvendandoteatro.com> . Acesso em: [15 de janeiro de 2024].

Gil, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LESSA, F. S. . Comportamento Feminino e Vida Cotidiana no Gineceu. **Phoinix** (UFRJ) , Rio de Janeiro, v. 4, p. 181-193, 1998.

_____, F. S. ; MOREIRA NETO, E. G. . Relações de gênero e esposas atenienses: cenas de gineceu. **Calíope** (UFRJ) , v. 1, p. 9-23, 2014.

_____, Fábio de Sousa; SOUZA, Maria Angélica Rodrigues de. A integração dos grupos de esposas na pólis: **POLITEIA: Hist. e Soc.**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 199-212, 2009.

_____, F. S. . Rompendo o Silêncio: Vozes Femininas em Atenas. **Phoinix** (UFRJ) , Rio de Janeiro, v. 05, p. 155-162, 1999.

MATA, Giselle Moreira. “**Entre risos e lágrimas**”: uma análise das personagens